

Neologismos semânticos formados por sintagmas em postagens de cunho político na rede social X

Vanessa Hagemeyer Burgo¹

Gustavo Ribeiro Lourenço²

Sheyla Cristina Araujo Matoso³

Resumo

Este trabalho tem por objetivo descrever os neologismos semânticos empregados na rede social X (antigo *Twitter*), evidenciando os processos formados por sintagmas em postagens que envolvem conteúdo político. Para tanto, levamos em consideração a natureza dinâmica da língua, destacando a inovação lexical que os falantes têm utilizado para expressar suas opiniões e ideologias políticas por meio de uma ferramenta *online* disponível ao grande público. O arcabouço teórico está fundamentado nos estudos de Alves (2004, 2007), Biderman (1978, 1998, 2001), Carvalho (2000), Guilbert (1975) e Sablayrolles (2019), entre outros. O *corpus* da pesquisa é composto por postagens no X relacionadas à política, publicadas no período de 2018 a 2021. De acordo com os resultados, identificamos quinze exemplos de neologismos semânticos sintagmáticos, os quais foram utilizados para criticar determinados posicionamentos, bem como para satirizar o modo de se referir a algumas figuras públicas ou aos seus apoiadores. Os estudos neológicos, portanto, contribuem para evidenciar a dinamicidade da língua e como ela se renova em virtude das relações sociais e culturais nas quais os indivíduos interagem.

Palavras-chave: Neologismos semânticos. Conteúdo político. Rede social X

Data de submissão: abril. 2025 – Data de aceite: maio. 2025

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v21i3.16967>

¹ Doutora e mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), com pós-doutorado em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora associada do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLetras) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Três Lagoas. <https://orcid.org/0000-0001-5350-6943> E-mail: vanessa.hagemeyer@ufms.br

² Doutor e mestre em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Possui pós-graduação *latu sensu* em Literatura em Língua Inglesa pela Faculdade de São Vicente e Graduação em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). <https://orcid.org/0009-0006-2672-3399> E-mail: guszo_dark@hotmail.com

³ Doutora em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e mestre em Educação pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). É professora adjunta do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLetras) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Três Lagoas. <https://orcid.org/0000-0002-8508-7242> E-mail: sheyla.matoso@ufms.br

Introdução

Linguistas, cientistas políticos e demais pesquisadores discutem o espaço da política no discurso e na vida dos brasileiros. Com a evolução digital, a enorme quantidade de informações produzidas diariamente pelas mídias circula num ritmo cada vez mais frenético e, conseqüentemente, impacta a vida, a cultura e a língua. Um levantamento divulgado em 2018 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontou que sete em cada dez brasileiros estão conectados à internet. O resultado ainda mostrou que o celular é o aparelho mais utilizado para o acesso à rede mundial de computadores (98% dos entrevistados afirmaram utilizar o telefone móvel para navegar pela rede digital⁴). Um ponto importante da opção de realizar buscas pelas redes sociais é: os falantes possuem um “microfone” aberto naquele momento, naquela determinada página. Ali, o falante pode ser ele mesmo, por mais que sua atitude seja considerada ofensiva, a proteção de não estar de corpo presente aumenta sua capacidade de expor seus sentimentos, e a manifestação linguística torna-se espontânea e acarreta um *vernissage* lexicológico, sendo um campo rico para os estudos neológicos.

Assim como as mudanças trazidas pela evolução tecnológica, não há como frear as mudanças linguísticas, uma vez que uma língua não é um objeto estático e está atrelada às evoluções culturais; logo, não se pode dissociar as relações entre léxico e cultura, bem como entre léxico e sociedade. Conforme Biderman (2001), “o léxico pode ser entendido enquanto sistema aberto e em constante expansão. Não se cristaliza porque é algo vivo, em constante transformação”. A autora enfatiza que essa evolução possui uma direta relação entre a língua e a cultura, uma vez que a língua acompanha os contextos pelos quais uma sociedade é moldada e a influência cultural apoia-se na língua como instrumento para se expressar.

No campo da linguística, todas as línguas possuem particularidades universais, em que o léxico e a cultura são expressos por meio das diferentes visões de mundo e do contexto nos quais estão inseridos. Nesse cenário, discutir as inovações lexicais na linguagem política se apresenta como uma temática pertinente para a sociedade. Com o avanço da tecnologia, a comunicação entre as pessoas nas redes sociais e o fácil acesso a fontes de informação por meio de dispositivos como *smartphones*, *smartwatches*, *tablets* e computadores têm tornado mais visíveis os modos pelos quais a língua se adapta a essas inovações. Diante do fenômeno da cultura digital, a língua está em constante evolução, modificando seu repertório lexical para refletir novas nuances de expressão.

Desse modo, o objetivo desta pesquisa é analisar os neologismos semânticos formados por sintagmas em postagens de cunho político na rede social X (antigo *Twitter*).

⁴ Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101705_informativo.pdf. Acesso em: jul. 2024.

O embasamento teórico assenta-se nos estudos de Alves (2004, 2007), Biderman (1978, 1998, 2001), Carvalho (2000), Guilbert (1975), Sablayrolles (2019), entre outros autores, e o *corpus* é formado por postagens relacionadas à política no X nos anos de 2018 a 2021. Nas eleições de 2018, as redes sociais tiveram papel crucial na manutenção do debate político e no crescimento da polarização entre os partidos de “esquerda” e de “direita”, contraposições estas já ocorridas em outros momentos da História, mas nunca tão fortemente difundidas pelas novas plataformas digitais como neste período eleitoral. Foi possível constatar o poder de manipulação dos movimentos inflamados dentro das redes sociais e suas concatenações na opinião pública de massa. Isso se intensificou especialmente no X, onde observamos a existência de perfis única e exclusivamente criados para defender interesses políticos. Assim, esta pesquisa pode contribuir para mostrar a dinamicidade da língua e como ela se renova, abrindo espaço para a criação de novas formas de expressão acerca da realidade.

1 Metodologia

Optamos por utilizar a rede social X para esta pesquisa devido ao fato de ser uma plataforma bastante acessada para as pessoas se atualizarem sobre política, já que os perfis de cunho jornalístico (de veículos de comunicação, de influenciadores e de jornalistas) disseminam novas informações constantemente. Seus usuários a utilizam para expor suas opiniões, frustrações, compartilhar memes etc., podendo se manifestar em um *post* escrevendo apenas 280 caracteres, o que torna a elaboração do texto mais sucinta. Outro dado interessante dessa rede é a facilidade com que os falantes podem ter acesso a diálogos com pessoas públicas. Esses diálogos, às vezes, são afetuosos, porém, com frequência, também expressam protestos contra determinada situação.

No que concerne às ferramentas de busca, o X disponibiliza recursos que ajudam a consulta de itens lexicais específicos, como, por exemplo: a capacidade de efetuar o mecanismo de busca e a função “Latest”, forma do inglês que significa “mais recente”. Lançamos mão desses recursos, pois foram muito eficazes para a pesquisa e, por meio deles, foi possível delimitarmos um parâmetro que nos possibilitou verificar se cada construção foi empregada durante um período determinado, ou se ainda era atual no momento da busca. A saber, optamos por não expor os falantes que manifestam suas opiniões, por comprometer a imagem do usuário.

Na busca realizada durante 2018 a 2021, encontramos 133 neologismos empregados pelos usuários do X envolvendo assuntos relacionados à política. A partir da classificação dos processos neológicos, observamos os seguintes: sintáticos, semânticos, fonológicos, formados por empréstimos, formados por palavras-valise, além de processos

híbridos. Destes, consideramos 15 exemplos de neologismos semânticos sintagmáticos que continham teor político.

Para a análise dos tipos de processos de formação de palavras que eram possíveis candidatas neológicas, seguimos os seguintes preceitos: a) identificar o item lexical; b) verificar a existência do item em dicionários do português (Aurélio, Houaiss, Michaelis, Caldas Aulete e Dicio); c) classificar o tipo de processo que ocorre na construção neológica; (d) identificar, entre os processos encontrados, quais são os semânticos; e) identificar, entre os processos semânticos, quais são os formados por sintagmas; f) discutir os contextos interacionais nos quais as unidades foram inseridas e os efeitos de sentido que produziram nos interlocutores.

Em consonância com Alves (2004), os dicionários representam o critério ou a forma pela qual decidimos que um item lexical está integrado à língua. Como os neologismos podem surgir de tendências culturais ou empréstimos, muitas vezes podem vir a ser instáveis ou momentâneos. Dessa forma, os dicionários foram utilizados como critério de exclusão lexicográfica para verificarmos se as unidades encontradas poderiam ser consideradas neologismos, de fato, ou somente membros integrantes da língua geral.

2 Língua, léxico e cultura

Um ponto interessante a ser discutido ao tratarmos da relação entre léxico, língua e cultura é o estudo da teoria de Eduard Sapir (1884-1939) e Benjamin Lee Whorf (1897-1941), chamada de “relativismo linguístico”. Sapir nasceu na cidade de Pomerânia, na Polônia, e migrou para os Estados Unidos em 1889. O foco do seu estudo era descrever e analisar as diversas línguas ameríndias. Whorf, por outro lado, nasceu em Massachusetts, nos Estados Unidos. Diferentemente de Sapir, seus estudos sobre linguística ocorreram por conta própria.

De acordo com Carroll (1956), antes de ingressar nos estudos linguísticos, Whorf trabalhava como inspetor químico. O encontro de Sapir e Whorf, de acordo com Machado (2015), ocorreu somente em setembro de 1928, no Congresso Internacional de Americanistas. Whorf ficou conhecido pelo estudo da língua *hopi*. A nomenclatura “Sapir-Whorf hypothesis” (hipótese de Sapir-Whorf) só foi usada pela primeira vez por Harry Hoijer, em 1954. A hipótese de Sapir-Whorf, ou teoria do relativismo linguístico, contestava a fundamentação linguística da época em relação ao fenômeno da categorização. A hipótese mostrava que o conceito de realidade era expresso nos diversos idiomas, tanto na gramática quanto no léxico, e classificado de acordo com a realidade de cada língua e de cada cultura.

Logo, cada língua carrega, em si, uma particularidade, e transporta sua cultura,

sua realidade social e modo de enxergar o mundo segundo seus moldes, refletindo a cosmovisão que é efetivamente marcada na gramática e no léxico de cada idioma (Biderman, 1998, p. 93). O linguista Eduard Sapir esboçou o princípio do “relativismo linguístico”. Para Sapir, “a língua socialmente formada influencia [...] a maneira pela qual a sociedade concebe a realidade” (Sapir, 1947, p. 11 *apud* Biderman, 1998, p. 93); dessa forma, a língua é capaz de se inventar e descobrir novos caminhos de acordo com a realidade que uma sociedade vive. Sapir assinala que:

A linguagem é um guia para a “realidade social”. [...] Os seres humanos não vivem só no mundo objetivo, ou só no mundo da atividade social como normalmente se admite, mas vivem quase totalmente à mercê da língua específica que se tornou o meio de expressão para a sua sociedade. É ilusório imaginar que alguém possa fundamentalmente ajustar-se à realidade sem o uso da linguagem e que a língua seja apenas um recurso qualquer para resolver problemas específicos de comunicação ou reflexão. O fato é que “o mundo real” é, em grande parte, construído inconscientemente sobre a base dos hábitos lingüísticos do grupo. Não existem duas línguas, por mais semelhantes que sejam, que possam ser consideradas como representantes da mesma realidade social. Os mundos em que vivem as diferentes sociedades humanas são mundos distintos e não um só e mesmo mundo, ao qual se teriam apostado etiquetas diferentes. (Sapir, 1947, p. 11 *apud* Biderman, 1998, p. 93)

Segundo as premissas de Sapir, a interpretação da realidade estaria fadada à língua do indivíduo, uma vez que os valores e categorias existentes modificariam a significação do real. Contudo, como assevera Biderman (1998), apesar de Sapir ter construído bem as ideias apresentadas até aqui, o linguista que conseguiu demonstrar a hipótese do “relativismo linguístico” de modo mais efetivo foi Benjamin L. Whorf – que a aplicou entre os *hopis*, indígenas norte-americanos. No estudo intitulado *Science and linguistics*, Whorf explicitou suas ideias:

Constatou-se que o sistema lingüístico subjacente a cada língua (em outras palavras, a gramática) não é apenas um instrumento de reprodução para emitir idéias mas ele é sobretudo um modelador de idéias, o programa e o guia para a atividade mental do indivíduo. [...] As categorias e os tipos que nós isolamos do mundo dos fenômenos não os encontramos aí porque eles estejam encarando cada observador face a face; pelo contrário, o mundo é apresentado num fluxo caleidoscópico de impressões que têm que ser organizadas por nossas mentes – e isso significa, em grande parte, pelo sistema lingüístico em nossas mentes. Nós recortamos a natureza, organizamo-la em conceitos, e lhe atribuímos significados da forma como o fazemos porque constituímos as partes contratantes de uma convenção, segundo a qual devemos organizá-la assim – tal convenção se mantém na nossa comunidade lingüística e é codificada nos moldes da nossa língua. Naturalmente essa convenção é implícita e não formulada, mas seus termos são absolutamente coercitivos; não podemos falar sequer, a não ser subscrevendo a organização e a classificação dos dados decretados por essa convenção. Somos assim introduzidos em um novo princípio de relatividade, o qual estabelece que todos os observadores não são movidos pela mesma evidência física, a uma mesma visão do universo, a menos que seus

“backgrounds” sejam similares, ou possam ser calibrados de alguma forma. (Whorf, 1958, p. 5 *apud* Biderman, 1998, p. 94)

Assim, Whorf exemplificou que as classes dos nomes e dos verbos na língua *hopi* eram marcadas de formas distintas. Os verbos tinham uma marcação diferente da nossa visão de tempo. A língua *hopi* não explicitava o tempo, nem o tempo em suas formas verbais ou por meio de substantivos que representassem noções de tempo, como “dia” ou “hora”, ou sentidos meteorológicos de tempo-espço – por exemplo, duração “longa” ou “curta” (Gilbert, 1979). Dessa forma, ficava claro que a estrutura da língua *hopi* não compartilhava da mesma realidade e visão de mundo que a nossa. Biderman (1998, p. 95) apresenta um dado interessante que consta nos estudos de Whorf sobre a língua dos esquimós. A autora mostra que a língua esquimó não possui apenas uma palavra para representar “neve”; isso se deve ao fato de que a neve é uma ocorrência meteorológica frequente no universo esquimó – a palavra, portanto, é categorizada de forma mais abrangente pelo modo como esse evento é percebido.

A autora faz uma comparação com os países tropicais, como o Brasil, em que esse fenômeno é extremamente raro, e explica que os esquimós não veem a neve de forma diferente, mas, em sua cultura, a realidade e a constância desse fenômeno tornam notáveis as suas particularidades mais sutis. Diferentemente de outros locais do mundo, onde a neve é presente em determinadas estações ou épocas do ano, para os esquimós, a neve exercerá um fenômeno físico diferente. Nota-se, então, que o esquimó percebe a cor da neve local de modo diferenciado.

Conforme Biderman (1998), os esquimós dispõem de diversas expressões para designar a neve, para as quais não temos uma correspondência em português, devido à capacidade de percepção diferenciada do esquimó em relação à neve. Por conseguinte, as formações sintagmáticas de “neve que cai”, “neve no chão”, “neve compactada dura como gelo”, “neve semiderretida lamacenta”, “neve voando levada pelo vento” (Biderman, 1998, p. 95) são representadas por palavras únicas na língua esquimó.

3 Neologismos

Devido ao crescimento de estudos a respeito de neologismos, a percepção da criação e da renovação linguística em larga escala (como em gírias, vocábulos e termos) implementou o processamento de uma ampla quantidade de informação textual nas mídias eletrônicas que, estabelecida com a exclusão lexicográfica e a referência, permite compilar e identificar muitos itens desconhecidos. Atualmente, a neologia assume uma posição importante dentro dos estudos linguísticos.

Com efeito, o avanço tecnológico permitiu uma percepção maior dos neologismos,

pois com os sites, blogues e redes sociais, as pessoas interagiram mais, produzindo mais material para a análise linguística em relação à percepção e aos estudos de neologismos. Apesar disso, não podemos desmerecer autores que propuseram esse estudo antes mesmo da era tecnológica, como Guilbert (1975) e o contemporâneo Jean-François Sablayrolles (1951-2020), que, em suas particularidades, apresentaram as criações lexicais no francês. A inovação lexical em gramáticas gregas e latinas trouxe a neologia e o neologismo para a França e, posteriormente, para outras línguas os seus termos semelhantes (Sablayrolles, 2019).

O neologismo, além de ser combustível para modelos teóricos de processamento, pode revelar como funciona a sistemática das mudanças de uma língua. Definir o que é neologismo, porém, é uma tarefa mais difícil do que supõe a intuição – a começar por, de fato, a unidade lexical ser um conceito cuja definição pode variar de acordo com a perspectiva linguística. As relações estabelecidas entre a instabilidade e a estabilidade de uma unidade lexical estão diretamente relacionadas ao contexto no qual ela se verifica, à forma como é utilizada (Sablayrolles, 2019, p. 20-30).

Uma questão importante é a que envolve a quantificação, o caráter qualitativo dos trabalhos e o espaço de tempo que define os contornos do ambiente onde um item lexical mantém-se neológico, e em qual o ponto da fronteira ele deixa de sê-lo. Dessa forma, o neologismo e a neologia seguem como conceitos de difícil *status* linguístico e definição, ainda que sejam contempladas as suas faces práticas. Os itens lexicais, em se tratando de admiti-los neológicos ou não, são difíceis de distinguir (Sablayrolles, 2019, p. 104).

Nesse ponto, a política pode influenciar bastante a estrutura de construções lexicogênicas, devido ao papel da história como fenômeno de movimentação social de organizações, grupos sociais e instituições interessadas na reorganização e na padronização da língua e do léxico. A linguagem, no seu aspecto social, apresenta assuntos que são de interesse da comunidade. Os neologismos, com a globalização e outros fenômenos, agora não são limitados a apenas um idioma, e movimentam-se pelas diversas línguas, como gírias, apelidos e memes. Isso decorre da internacionalização de estilos de vida e de pensamentos, por meio da qual a representação da sociedade através de neologismos ganhou esses novos horizontes e atravessou as fronteiras dos países e localidades. Daí o surgimento de certas áreas onde ocorre uma extensa cadeia de neologizações, áreas que podem ser consideradas neologênicas (Sablayrolles, 2019, p. 270-275).

3.1 Neologismos semânticos

De acordo com Alves (2004, p. 62), “a neologia semântica revela-se de diferentes maneiras. O neologismo semântico mais usual ocorre quando se verifica uma mudança no

conjunto dos semas referentes a uma unidade léxica”. A autora salienta que, por meio de usos expressivos da metáfora e da metonímia, é possível criar vários significados e alterar o sentido pré-existente de um item lexical. Os neologismos semânticos figuram, portanto, como recursos muito recorrentes no discurso, uma vez que auxiliam o falante a suprir suas necessidades de comunicação por meio da criação de um novo significado para palavras que já existem (Lourenço; Burgo, 2018).

A respeito dos neologismos semânticos ou conceptuais/conceituais, Biderman (1978, p. 158) afirma que: “trata-se de uma acepção nova que se incorpora ao campo semasiológico de um significante qualquer”. Nessa mesma vertente, Carvalho (2000, p. 194) postula que o neologismo conceitual “é um novo sentido adquirido por um termo em sua evolução semântica”. Biderman (1978, 2001) e Carvalho (2000) discutem os neologismos conceptuais/conceituais da seguinte forma: Biderman (2001) assinala que neologia semântica ocorre devido à ampliação do sentido de palavras já existentes na língua e, dependendo do contexto em que um indivíduo está inserido, muitas conotações podem ser dadas a um significante; Carvalho (2000, p. 194) postula que os neologismos conceptuais/conceituais ocorrem por meio da necessidade comunicativa dos falantes. A criação semântica está associada à “inércia memorial e articulatória”, de modo que, por meio da economia discursiva, o processo “novo” só ocorra no âmbito do significado.

A neologia semântica é bastante produtiva na língua, devido à capacidade de o falante dar nomes às coisas. Frequentemente, essas nomeações são motivadas em virtude da vivência do falante, ou da necessidade de criar novos significados conscientemente e, por meio da língua, marcar uma característica, a particularidade e a necessidade de um grupo. Conforme Alves (2007, p. 62), a neologia semântica se manifesta em qualquer unidade lexical em que possa haver o acréscimo de um sentido. Há vários mecanismos que a língua utiliza para se ressignificar, como, por exemplo, os recursos estilísticos – como metáfora, sinédoque, metonímia etc. A autora também mostra que vários significados podem ser dados à mesma unidade léxica. O exemplo utilizado pela pesquisadora é “baixinho”, que deixa de significar pessoa de estatura baixa e passa a ter o sentido de fãs da cantora/apresentadora Xuxa.

Alves (2007) também aborda a neologia semântica formada por sintagmas. Esse processo neológico ocorre devido ao desempenho significativo das estruturas frasais. A autora exemplifica essa asserção com o termo “surfista ferroviário”: pela convenção presente nos semas da estrutura, que caracteriza toda a unidade sintagmática, classifica-se como neologia semântica. No caso desse exemplo, o determinante “surfista”, que normalmente se refere ao praticante de um esporte aquático, adquire o sema de praticante de um esporte realizado sobre os trens na ferrovia.

4 Análise dos dados

A formação por sintagmas é uma das possibilidades de neologia semântica. Os sintagmas neológicos são formados pela junção de duas ou mais palavras distintas que, por meio da integração dos semas presentes nas respectivas unidades, ganham um novo significado dentro da estrutura da língua. Encontramos, em nossa pesquisa, os seguintes neologismos semânticos sintagmáticos:

(1) Sendo de direita e um *bolsominion arrependido*, digo que: num eventual segundo turno entre Bolsonaro e Ciro ou Lula e Ciro, em qualquer uma dessas duas possibilidades, eu voto Ciro. E o mesmo é com vários de direita, arrependidos ou não. Entendam: a direita NÃO VOTA no Lula.

No lexema “Bolsominion”, há a junção dos substantivos Bolso(naro)+minion. A construção se dá devido ao comportamento subserviente dos personagens conhecidos como *Minions* no filme *Meu Malvado Favorito* (2010), da *Universal Studios*. Os *Minions* são seres amarelos e têm o papel de servir ao seu mestre sem questionar. Observamos que o uso dessa nomenclatura faz alusão ao comportamento dos *Minions*, no sentido de definir os eleitores e defensores do ex-presidente da República Jair Messias Bolsonaro, estando ligado, então, a quem defende sua política e seus posicionamentos. Além disso, na formação (1), notamos a construção de uma neologia semântica sintagmática, pois o item “Bolsominion arrependido” passa a classificar o ex-apoiador da política e das ideias de Jair Bolsonaro, ou seja, o eleitor arrependido.

(2) Mesmo se eu tivesse cometido o ato insano de ter votado no *Capitão Corona*, isso não teria alterado o fato de que as votações no Congresso são feitas dessa forma.

No item lexical (2), temos a formação da neologia semântica sintagmática em “Capitão Corona”. Evidenciamos a relação dessa criação lexical à forma como o ex-presidente da República se posicionou a respeito da pandemia de covid-19. Bolsonaro proferiu muitos discursos minimizando a existência do vírus e incitou manifestações nas quais as pessoas foram às ruas sem máscaras, mesmo quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) orientava que essa atitude representava um grande risco. Como salientam Castro e Burgo (2021), desde as medidas iniciais de prevenção e controle da doença causada pelo vírus SARS-CoV-2 tomadas pelas autoridades de saúde nacionais e internacionais em janeiro de 2020, Bolsonaro “adotou uma postura minimizadora da gravidade da doença e demonstrou atitudes e comportamentos contrários a essas orientações” (p. 6849). Ao proferir falas polêmicas em diversos meios de comunicação — nas quais, além de escolhas linguísticas, adotou atitudes que desconsideravam a proteção

contra o vírus, como promover aglomerações, cumprimentar com apertos de mão e não usar ou usar inadequadamente a máscara — ele demonstrou incredulidade e despreocupação, banalizando, assim, a gravidade da situação.

(3) A *Cristã Pistolinha* pode até parecer simpática às vezes, mas não se enganem: no fundo do coração dela ela deseja muito que vocês esquerdalhas todos queimem no fogo do inferno!

Em relação ao neologismo (3), evidenciamos a formação da neologia semântica sintagmática da expressão “Cristã Pistolinha”. A expressão tem construção marcada pelo seu simbolismo. Jair Bolsonaro, em sua campanha, sempre fez gestos que o caracterizavam já antes das eleições. Um desses símbolos era a “arminha” com a mão, gesto reproduzido por seus apoiadores em fotos nas redes sociais e também com o uso de emojis. O intuito do ex-presidente era defender a flexibilização da posse e do porte de armas no Brasil. Um fator que ajudou a aumentar a frequência do uso desse gesto é o fato de que boa parte dos evangélicos apoiava o presidente, inclusive a bancada evangélica no Congresso. Dessa forma, os falantes usaram o termo para criticar e satirizar essa parcela dos eleitores de Bolsonaro.

(4) Ontem, logo após a manifestação #forabolsonaro Teve a *carreata da morte*, no centro tbm. Mas poucos. Graças!

Na neologia semântica sintagmática (4), “carreata da morte” é utilizado por falantes que desaprovavam a postura do ex-presidente, uma vez que acreditavam que ele não se preocupava com a população diante da pandemia de covid-19. Assim, os falantes chamaram de *carreata da morte* as manifestações em prol do governo, visto que o ex-presidente não seguiu os protocolos estipulados pela OMS e o número de vítimas cresceu vertiginosamente no Brasil devido à propagação do vírus. Para Castro e Burgo (2021, p. 6849):

Naquele momento de enfrentamento inicial, pouco se conhecia sobre a dimensão do problema, mas já se evidenciava seu alastramento em países europeus e as consequências de ordem econômica e sanitária já eram previstas, sendo os órgãos de saúde os principais atuantes nas orientações de combate à pandemia.

Desde o início das medidas preventivas da doença, ele se “tornou alvo de críticas por adotar atitudes e comportamentos contrários às orientações dos órgãos de saúde e demonstrar uma postura despreocupada mediante a gravidade representada pela pandemia” (Castro e Burgo, 2021, p. 6842). Percebemos, portanto, sua descrença na dimensão da pandemia em suas declarações, bem como sua persistência em negá-la como

um problema que merecesse prioridade do governo.

(5) A: A Ministra Damares tá muito bem-posicionada...

B: *Missionária escarlate* kkkk poderosa ela, ela.

No item lexical (5), há a formação neológica semântica sintagmática “Missionária escarlate” devido ao fato de que no dia 10 de novembro de 2019, Carlos Bolsonaro fez um postagem em sua conta no X com uma montagem de seu pai, Jair Bolsonaro, com feições do personagem da Marvel, Thanos. Apesar de o surgimento neológico ter sido muito frequente na época, os falantes ainda associam Bolsonaro a Thanos. Na história em quadrinhos, Thanos tem o desejo de realizar um genocídio entre todas as raças, pois era uma maneira de aproximar-se da Senhora Morte, a quem ele ama. A Morte tem muitas simbologias no universo da Marvel. Dessa forma, os falantes associam a ideia de genocídio de Thanos a Bolsonaro. Parte da população brasileira responsabilizava o ex-presidente pela morte de milhares de brasileiros em virtude de sua indiferença em relação à pandemia de covid-19. Muitos memes surgiram com essa publicação, e a ex-ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, foi associada à personagem da Marvel, Feiticeira Escarlate, em tom de brincadeira.

(6) A pessoa parcela o iPhone em 12x, o carro em 20, ganha 3k de salário e acha que o meme da Barbie Classe Média é pra ela! no máximo tu és a *Suzi Pobre de Direita*

(7) *Suzi pobre de direita* Brasil tá cheio! #AgoraÉ #Haddad13presidente

Nos exemplos (6) e (7), assinalamos a formação de neologismos semânticos formados por sintagmas. A boneca Susi foi lançada no Brasil em 1966 para competir com a boneca Barbie. A boneca Barbie é um brinquedo relativamente caro e representa boa parte das características físicas de pessoas consideradas “privilegiadas”: magra, heterossexual, de pele clara e olhos azuis. Por isso, as pessoas associaram tais traços físicos a atitudes preconceituosas e não empáticas de certa parcela da sociedade, que geralmente adota esse comportamento por não fazer parte das minorias e não sofrer, nem sequer reconhecer as mazelas que esses grupos enfrentam. Já a boneca Susi é brasileira, tem a pele mais escura e curvas no corpo, para representar melhor as mulheres do Brasil; porém, é mais barata que a Barbie. Dessa forma, os falantes utilizaram esse item para satirizar mulheres pobres que defendem políticas que não as beneficiam em nada.

(8) Na Paulista, ato em defesa da Amazônia. Manifestantes entoam: “eu tô na rua pela floresta pra derrotar o *capitão da motosserra*”

Em (8), evidenciamos a formação da neologia semântica sintagmática em “capitão da motosserra”. Esta é motivada pela declaração proferida por Jair Bolsonaro no dia 6 de agosto de 2019, durante seu discurso no congresso da Fenabreve (entidade que representa o setor de concessionárias de veículos) ao questionar a precisão de dados acerca do desmatamento na Amazônia. Nesse sentido, os falantes empregaram esse item para fazer referência a Bolsonaro em relação à fala: “Um número absurdo como aquele de que eu desmatei 88% da Amazônia. Eu sou o ‘capitão motosserra’”, feita em tom irônico, desdenhando e colocando em xeque o aumento significativo do desmatamento da Amazônia.

(9) *Efeito Bolsonaro*. Minha família ainda está com a doença, mas se recuperando aos poucos. Homofobia É CRIME. Que a justiça faça seu papel.

No excerto (9), há a formação da neologia sintagmática da expressão “Efeito Bolsonaro”. A expressão remete aos discursos e às posturas do ex-presidente da República que poderiam influenciar as pessoas. Esse processo possui uma carga semântica pesada, pois a retórica presidencial geralmente representava ideias radicais e conservadoras. Nessa criação lexical, como observamos no exemplo, o usuário alerta sobre o fato de a homofobia ser crime, aludindo ao possível incentivo à propagação da homofobia, do machismo e da ignorância por parte dos apoiadores de Bolsonaro.

(10) Mais um ataque da *Gestapo Miliciãna*. PM de Pernambuco atirando contra manifestantes no Recife para dispersar os atos. A companheira @LianaCirne, do PT, foi 116 agredida com spray de pimenta no rosto enquanto tentava negociar com policiais. Inacreditável! Pra que isso?

A neologia semântica sintagmática, no excerto (10), remete à família de Bolsonaro, alvo de acusações sobre seu envolvimento com as milícias. Desse modo, os falantes construíram o termo a partir de “Gestapo”, que é uma abreviação de Geheime Staatspolizei – espécie de polícia secreta do regime nazista na Alemanha, cujo intuito era fiscalizar a população ou qualquer manifestação que pudesse representar alguma ameaça ao Estado. Os falantes no Brasil construíram o termo devido ao modo como a polícia militar vinha lidando com as manifestações contra o governo Bolsonaro.

(11) Alguém sabe dizer se o marido do Verdevaldo já pagou a *hiena cuspidreira*??
#FechadoComBolsonaro

A formação neológica “hiena cuspidreira”, no exemplo (11), nos remete à risada, ou ao sorriso do ex-deputado federal Jean Wyllys. As hienas são conhecidas por produzirem

um som que se assemelha a uma risada. Já a construção “hiena cuspidreira” deve-se ao fato de que, em abril de 2016, o ex-deputado federal Jean Wyllys cuspiu em Jair Bolsonaro, que também ocupava o cargo de deputado federal à época. Assim, os apoiadores do ex-presidente chamavam Jean Wyllys por essa expressão depreciativa.

(12) Quando vc se achar a pessoa mais burra do mundo, lembre dos minions que acham que todos os médicos do mundo estão errados e quem está certa é a *Maria Cloroquina I*, a #RainhaLouca (vulgo bozo)

No processo de neologia semântica em (12), formada por sintagma, temos uma criação de efeito jocoso para designar os adeptos do uso do medicamento hidroxicloroquina como “tratamento precoce” contra a covid-19. Assinalamos o uso de “Rainha Louca” como uma referência à Maria I, também conhecida como Maria, a Louca, que foi uma figura marcante na história de Portugal e do Brasil como a mãe de D. João VI. Com seu reinado tumultuado, marcado por crises políticas e pessoais, Maria I ficou conhecida por seu comportamento instável e por episódios de insanidade, o que a levou ao apelido de “a Louca”. Os falantes, portanto, só ampliaram esse sentido para representar o momento pelo qual estavam passando.

(13) Não dá para acordar na *república das bananas* sem receber ameaça de fuzil pago com nosso dinheiro. Vende esse armamento e compra vacina logo, dá arminha de mão pra eles q nao servem pra nada mesmo

Em relação ao item lexical (13), quando pesquisamos a expressão “república das bananas”, encontramos uma notícia publicada pela BBC em abril de 2016⁵ relatando o uso da expressão por outro veículo de comunicação, o jornal inglês *The Guardian*, para se referir ao Brasil. De acordo com o jornal, esse termo foi cunhado pelo escritor norte-americano O. Henry (pseudônimo de William Sydney Porter) no conto “O Almirante”, de 1904. Ele descreve um país fictício da América Central chamado Anchuria, inspirado nas nações que sofriam com problemas políticos e econômicos, retratando um ambiente de corrupção, instabilidade política e influência estrangeira, elementos que se tornaram emblemáticos da ideia de uma “uma pequena república de bananas”. Acredita-se, no entanto, que ele tenha se inspirado em Honduras, pois foi era o local onde morava quando escreveu a obra.

Conforme é descrito no jornal, já no século 19, de acordo com o historiador Luis Ortega, professor da Universidad de Santiago do Chile, empresas norte-americanas passaram a fazer plantações de banana em regiões cujas fronteiras geográficas ficam

⁵ Ver mais em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil/2016/04/160428_republica_bananas_origem_fn.

inteiramente dentro dos limites de um outro território ou região, de domínio de outro Estado. A expressão passou, então, a se referir apenas a países tropicais que produziam bananas. Com a evolução da língua, esse termo foi ganhando uma carga semântica negativa ao se referir a países ou regimes políticos marcados pela instabilidade, corrupção e dependência econômica. Um ponto interessante da matéria é quando o professor diz que o termo empregado no Brasil seria “incorreto” e “leviano”, porque a qualquer indício de complicações, o presidente de uma “república das bananas” já teria sido morto, ou haveria um golpe de Estado, enquanto no Brasil, as instituições ainda funcionariam e seriam respeitadas. A rigor, essa expressão já é amplamente empregada com o sentido de criticar sistemas políticos e econômicos dependentes e fragilizados, contudo, pode ser considerada neológica, devido ao fato de não estar registrada em dicionários da língua portuguesa⁶. Isso denota, a propósito, uma falha dos dicionários, talvez em função de não ocorrer uma revisão lexicográfica no Brasil de forma tão frequente.

(14) Chama de asno vestido, de hitler 2020, hemorroida política, câncer econômico, aneurisma coletivo, placebo de idiota, *rei do gado*... Deixa aí seu desabafo em forma de ofensa

No exemplo (14), o item “gado” é empregado com o intuito de satirizar os eleitores de Bolsonaro. Os bovinos são animais gregários (estão sempre em rebanho), e isso é muito importante para essa espécie, pois os animais que se isolam do rebanho ficam mais estressados. Outro fato importante é que existe um indivíduo dominante na estrutura social desses animais (Paranhos da Costa; Nascimento Jr., 1986). Dessa maneira, os falantes transpuseram o comportamento condicionado e gregário dos bovinos aos eleitores de Jair Bolsonaro, e passaram a chamá-los de “gado”, por sempre estarem em conjunto para defender e apoiar as falas e decisões do ex-presidente da República. Logo, o termo aqui representa o ex-presidente como líder do “gado”, ou seja, as pessoas que o apoiam. A expressão pode indicar Bolsonaro como o grande “criador” de gado, que seriam os bolsominions, numa alusão ao conceito mostrado na telenovela brasileira “Rei do Gado”, produzida pela Rede Globo de televisão e exibida na década de 90, a qual popularizou a expressão “Rei do Gado”.

(15) O senador Flávio Bolsonaro foi confirmado no papel de *Willy Wonka* na nova edição da Fantástica Fábrica de Chocolate. Na nova aventura, todos os Oompa-Loompas foram substituídos por minions

No processo neológico (15), temos a criação de um neologismo semântico em “Willy

⁶ A expressão foi pesquisada em dicionários amplamente reconhecidos como fontes de referência para definições e consultas lexicais em língua portuguesa, entre eles: Aurélio, Houaiss, Michaelis, Caldas Aulete e Dicio.

Wonka”. Este é um dos personagens principais do livro “A Fantástica Fábrica de Chocolate”, do escritor galês Roald Dahl. O livro também teve adaptações cinematográficas em 1971 e 2005. Segundo a história, Willy Wonka quer conceder sua fábrica de chocolates para um novo dono, pois não tem herdeiros; então, lança a promoção dos bilhetes dourados: as crianças que encontrassem os bilhetes nos chocolates poderiam visitar a fábrica e ele escolheria uma delas para assumir os negócios. Diante dessa história tão famosa, em dezembro de 2019, o Ministério Público divulgou que o senador Flávio Bolsonaro poderia ter depositado um milhão e seiscentos mil reais na conta de sua franquia da loja de chocolates Kopenhagen, no Rio de Janeiro; a operação, supostamente, seria lavagem de dinheiro. O assunto tomou conta das redes sociais ao associarem Flávio Bolsonaro ao personagem Willy Wonka.

Considerações finais

Antigamente, o rádio e a televisão figuravam como os principais meios de comunicação para a divulgação de notícias e a promoção de debates sobre os mais diversos assuntos, incluindo o vocabulário popular e discussões de caráter mais impessoal. Com o advento das redes sociais, no entanto, houve um crescimento exponencial no acesso à informação e na circulação de notícias em ritmo acelerado, especialmente ao longo das primeiras décadas do século XXI. Esse fenômeno resultou em um aumento significativo de discursos, debates e da disseminação de conteúdo político. Diante desse cenário, esta pesquisa propôs-se a analisar a formação de novas palavras nesse contexto, mais especificamente os neologismos semânticos formados por sintagmas.

De acordo com os resultados obtidos, identificamos quinze exemplos de neologismos semânticos sintagmáticos contendo assuntos relacionados à política, os quais foram empregados para criticar determinados posicionamentos, bem como para satirizar a forma como algumas figuras públicas — ou seus apoiadores — são nomeadas. Assim, a investigação dessas criações lexicais evidencia a natureza dinâmica da linguagem e sua constante renovação, impulsionada pelas relações sociais e culturais nas quais os indivíduos estão inseridos. Estudar essas formações neológicas permite observar o papel da política na construção da linguagem e, conseqüentemente, o lugar que ela ocupa no cotidiano das pessoas, cada vez mais enraizada nas interações mediadas pela internet.

No Brasil, os confrontos políticos sempre foram marcantes. Assim como ocorre em outros países, é evidente que os perfis políticos exercem influência significativa sobre as massas. No entanto, essa visibilidade nem sempre é benéfica para tais perfis, já que a exposição da vida pessoal aumenta, levando frequentemente à eclosão de escândalos envolvendo indivíduos em cargos de grande relevância. Afirmar que esse tipo de

comportamento é recente seria ignorar uma longa trajetória, que remonta aos tempos em que os brasileiros formavam o principal grupo ativo no *Orkut*, rede social desativada há alguns anos.

À medida que os discursos populares se aprofundam nas questões políticas, surge a necessidade de criação de novas expressões linguísticas, capazes de refletir a identidade e os posicionamentos dos falantes. Com o entrelaçamento desses discursos (em concordância ou oposição), formam-se bolhas sociais que, muitas vezes, culminam em conflitos ideológicos. Ademais, as unidades léxicas utilizadas para nomear pessoas influentes e agentes políticos também se destacam como fonte de renovação lexical, influenciadas por escândalos, eventos históricos e notícias. Buscamos, portanto, realizar uma análise da língua com foco especial no viés político e suas inovações lexicais que possam contribuir para as pesquisas na área da lexicologia.

Por fim, vale salientar que o fenômeno das redes sociais e sua interface com a política não deve ser encarado como essencialmente positivo ou negativo. Conforme os meios de comunicação evoluem, os debates se expandem para novos horizontes e passam a atingir outras esferas sociais. Atualmente, as redes configuram-se como uma das principais formas de comunicação e disseminação de assuntos políticos. Assim, torna-se imprescindível uma análise imparcial e científica das relações entre cultura, língua e sociedade. Como afirmou Antônio Abujamra (1932-2015)⁷, devemos observar essas relações como um periscópio sob o oceano do social, estendendo esse olhar também à cultura e à linguagem, e, por consequência, à neologia, à lexicologia e à lexicografia.

Semantic neologisms formed by syntagms in politically-oriented posts on the social media platform X

Abstract

This study aims to describe the semantic neologisms employed on the social media platform X (formerly Twitter) in order to highlight the processes formed by syntagms in posts involving political content. To this end, we have taken into account the dynamic nature of language, focusing particularly on the lexical innovations that speakers have used to express their political opinions and ideologies through an online tool available to the general public. The theoretical framework is based on Alves (2004, 2007), Biderman (1978, 1998, 2001), Carvalho (2000), Guilbert (1975), and Sablayrolles (2019), among others. The corpus of this research consists of posts related to politics on X from 2018 to 2021. According to the findings, we identified fifteen examples of syntagmatic semantic neologisms, which were used both to criticize certain stances and to satirize the way some public figures or their supporters were referred to. Neological studies, therefore, contribute to demonstrating the dynamism of language and how it is renewed through the social and cultural relations in which individuals interact.

Keywords: Semantic neologisms. Political content. Social media platform X

⁷ Antônio Abujamra (1932-2015), apresentador do *Provocações*, programa de entrevistas da TV Cultura; teve longa e sólida carreira também como diretor e ator no teatro, no cinema e na televisão.

Referências

- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo**: criação lexical. 2 ed. São Paulo: Ática, 2004.
- ALVES, Ieda Maria. Neologia e níveis de análise linguística. *In*: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia, v. 3. Campo Grande: Editora UFMS, 2007, p. 77-92.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística**: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. **Filologia e linguística portuguesa**, n. 2, p. 81-118, 1998.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. *In*: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico**. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 13-22.
- BOULANGER, Jean-Claude. L'évolution du concept de neologie de la linguistique aux industries de la langue. *In*: SCHAETZEN, Caroline de. **Terminologie diachronique**. Paris: Conseil International de la Langue Française, 1989. p. 193-211.
- CARROLL, John (Org.). **Language, Thought, and Reality**: Selected Writings of Benjamin Lee Whorf. Oxford, England: Technology Press of MIT, 1956.
- CARVALHO, Nelly Medeiros de. Neologismos, informação e criatividade. *In*: AZEREDO, José Carlos de (Org.). **Língua Portuguesa em debate**: conhecimento e ensino. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 192-202.
- CASTRO, Elaine de.; BURGO, Vanessa Hagemeyer. Estratégias conversacionais empregadas por Jair Bolsonaro no início da pandemia de COVID-19. **Fórum Linguístico (Online)**, v. 18, n. 4, p. 6841-6855, out./dez. 2021.
- CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- GUILBERT, Louis. **La créativité lexicale**. Paris: Librairie Larousse, 1975.
- LOURENCO, Gustavo Ribeiro; BURGO, Vanessa Hagemeyer; STORTO, Letícia Jovelina. A criação lexical na linguagem homossexual. *In*: TEIXEIRA FILHO, Clóvis (Org.). **Reflexões sobre comunicação e diversidade sexual e de gênero**. Londrina: Syntagma Editores, 2018. p. 297-312.
- PARANHOS da COSTA, Mateus J. R.; NASCIMENTO J.R, Antônio F. Stress e comportamento. *In*: Semana de Zootecnia, XI, 1986, Pirassununga, SP. **Anais** [...] Pirassununga, SP: FMVZ/USP, 1986. p. 65-72.
- PILLA, Éda Heloisa. **Neologismos do português e a face social da língua**. Porto Alegre: AGE, 2002.
- SABLAYROLLES, Jean-François. **Comprendre la néologie**. Conceptions, analyses, emplois. Limoges: Lambert-Lucas, 2019.